



## SER Mulher - TJMG - 2024

### Tarefa para o dia 2

Ler a introdução do livro “Mulheres que correm com lobos” e identificar frases que te chamaram a atenção.

Ficar atenta às emoções que as partes do texto provocaram em você

Não deixe para o último dia, pois é preciso ter tempo para sentir o texto.

O processo acontece dentro de você e não fora. Fuja da tentação de buscar informações na internet ou de ouvir a opinião dos outros.

Perceba o seu mundo interior.

Perceba o seu feminino.

# INTRODUÇÃO

## **Cantando sobre os ossos**

A fauna silvestre e a Mulher Selvagem são espécies em risco de extinção.

Observamos, ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. Há alguns milênios, sempre que lhe viramos as costas, ela é relegada às regiões mais pobres da psique. As terras espirituais da Mulher Selvagem, durante o curso da história, foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros.

Não é por acaso que as regiões agrestes e ainda intocadas do nosso planeta desaparecem à medida que fenece a compreensão da nossa própria natureza selvagem mais íntima. Não é tão difícil compreender por que as velhas florestas e as mulheres velhas não são consideradas reservas de grande importância. Não há tanto mistério nisso. Não é coincidência que os lobos e coiotes, os ursos e as mulheres rebeldes tenham reputações semelhantes. Todos eles compartilham arquétipos instintivos que se relacionam entre si e, por isso, têm a reputação equivocada de serem cruéis, inatamente perigosos, além de vorazes.

Minha vida e meu trabalho como analista junguiana e *cantadora*, contadora de histórias, me ensinaram que a vitalidade esvaída das mulheres pode ser restaurada por meio de extensas escavações "psíquico-arqueológicas" nas ruínas do mundo subterrâneo feminino. Com esses métodos, podemos recuperar os processos da psique instintiva natural; e, através da sua incorporação ao arquétipo da Mulher Selvagem, conseguimos discernir os recursos da natureza mais profunda da mulher. A mulher moderna é um borrão de atividade. Ela sofre pressões no sentido de ser tudo para todos. A velha sabedoria há muito não se manifesta.

O título deste livro, *Mulheres que correm com os lobos, mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, foi inspirado em meu estudo sobre a biologia de animais selvagens, em especial os lobos. Os estudos dos lobos *Canis lupus* e *Canis rufus* são como a história das mulheres, no que diz respeito à sua vivacidade e à sua labuta.

Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Tem experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem.

No entanto, as duas espécies foram perseguidas e apossadas, sendo-lhes falsamente atribuído o fato de serem trapaceiros e vorazes, excessivamente agressivos e de terem menor valor do que seus detratores. Foram alvo daqueles que prefeririam arrasar as matas virgens bem como os arredores selvagens da psique, erradicando o que fosse instintivo, sem deixar que dele restasse nenhum sinal. A atividade predatória contra os lobos e contra as mulheres por parte daqueles que não os compreendem é de uma semelhança surpreendente.

Pois foi aí que o conceito do arquétipo da Mulher Selvagem primeiro se concretizou para mim: no estudo dos lobos. Estudei também outras criaturas como, por exemplo, os ursos, os elefantes e os pássaros da alma — as borboletas. As

características de cada espécie fornecem indicações abundantes do que pode ser conhecido sobre a psique instintiva da mulher.

A Mulher Selvagem passou pelo meu espírito duas vezes: a primeira, pelo fato de haver nascido de uma linhagem hispano-mexicana tipicamente passional, e a segunda, por ter sido adotada por uma família de húngaros impetuosos. Cresci próximo à fronteira dos estados de Michigan e Indiana, cercada de bosques, pomares e campos e perto dos Grandes Lagos. Ali, os trovões e os relâmpagos eram meu principal alimento. Os milharais estalavam e falavam alto à noite. Mais ao norte, os lobos vinham até as clareiras ao luar, para pular e uivar. Todos podíamos beber dos mesmos regatos sem medo.

Embora eu não a chamasse por esse nome na época, meu amor pela Mulher Selvagem começou quando eu era pequena. Eu era uma esteta, não uma atleta, e meu único desejo era o de perambular em êxtase. A mesas e cadeiras, eu preferia o chão, as árvores e as cavernas, porque nesses lugares eu sentia como se pudesse me encostar no rosto de Deus.

O rio *sempre* queria ser visitado depois que escurecesse; os campos *precisavam* de alguém que neles caminhasse para que pudessem farfalhar conversando. As fogueiras *precisavam* ser feitas na floresta à noite; e as histórias *precisavam* ser contadas onde os adultos não pudessem ouvir.

Tive a sorte de crescer na natureza. Lá, os raios me falaram da morte repentina e da evanescência da vida. As ninhadas de camundongos revelavam que a morte era amenizada pela nova vida. Ao desenterrar "contas de índios", trilobites da terra preta, eu compreendia que os seres humanos estão por aqui há muito, muito tempo. Tive aulas sobre a sagrada arte da autodecoração com borboletas pousadas no alto da minha cabeça, vaga-lumes servindo de jóias durante as noites e rãs verde-esmeralda como pulseiras.

Uma loba matou um de seus filhotes que estava mortalmente ferido. Para mim foi como uma dura lição sobre a compaixão e a necessidade de permitir que a morte venha aos que estão morrendo. As lagartas cabeludas que caíam dos seus galhos e voltavam a subir, arrastando-se, me ensinaram a determinação. As cócegas do seu caminhar no meu braço me revelaram como a pele pode ter vida própria. Subir ao alto das árvores me mostrou como seria o sexo um dia.

Minha própria geração, posterior à Segunda Guerra Mundial, cresceu numa época em que as mulheres eram infantilizadas e tratadas como propriedade. Elas eram mantidas como jardins sem cultivo... mas felizmente sempre chegava alguma semente trazida pelo vento. Embora o que escrevessem fosse desautorizado, elas insistiam assim mesmo. Embora o que pintassem não recebesse reconhecimento, nutria a alma do mesmo jeito. As mulheres tinham de implorar pêlos instrumentos e pelo espaço necessários às suas artes; e, se nenhum se apresentasse, elas abriam espaço em árvores, cavernas, bosques e armários.

A dança mal conseguia ser tolerada, se é que o era, e por isso elas dançavam na floresta, onde ninguém podia vê-las, no porão ou no caminho para esvaziar a lata de lixo. A mulher que se enfeitava despertava suspeitas. Um traje ou o próprio corpo alegre aumentava o risco de ela ser agredida ou de sofrer violência sexual. Não se podia dizer que lhe pertenciam as roupas que cobriam os seus próprios ombros.

Era uma época em que os pais que maltratavam seus filhos eram simplesmente chamados de "severos", em que as lacerações espirituais de mulheres profundamente exploradas eram denominadas "colapsos nervosos", em que as meninas e as mulheres que vivessem apertadas em cintas, amordaçadas e contidas, eram consideradas "certas", enquanto aquelas que conseguiam fugir da coleira uma ou duas vezes na vida eram classificadas de "erradas".

Por isso, igual a muitas mulheres antes e depois de mim, passei minha vida como uma criatura disfarçada. A semelhança da parentela que me precedeu, andei cambaleante em saltos altos e fui à igreja usando vestido e chapéu. No entanto, minha cauda fabulosa muitas vezes aparecia por baixo da bainha do vestido, e minhas orelhas se contorciam até meu chapéu sair do lugar, no mínimo cobrindo meus olhos e às vezes indo parar do outro lado da nave.

Não me esqueci da canção daqueles anos sombrios, *hambre del alma*, a canção da alma faminta; mas também não me esqueci do alegre canto *hondo*, o canto profundo, cuja letra volta à nossa mente quando nos dedicamos à regeneração do espírito.

Como uma trilha que atravessa a floresta e vai cada vez diminuindo mais até quando parece se reduzir a nada, a teoria psicológica tradicional esgota-se rápido demais para a mulher criativa, talentosa, profunda. A psicologia tradicional é muitas vezes lacônica ou totalmente omissa quanto a questões mais profundas importantes para as mulheres: o aspecto arquetípico, o intuitivo, o sexual e o cíclico, as idades das mulheres, o jeito de ser mulher, a sabedoria da mulher, seu fogo criador. Foi isso o que direcionou meu trabalho sobre o arquétipo da Mulher Selvagem durante quase duas décadas.

As questões da alma feminina não podem ser tratadas tentando-se esculpi-la de uma forma mais adequada a uma cultura inconsciente, nem é possível dobrá-la até que tenha um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do consciente. Não. Foi isso o que já provocou a transformação de milhões de mulheres, que começaram como forças poderosas e naturais, em párias na sua própria cultura. Na verdade, a meta deve ser a recuperação e o resgate da bela forma psíquica natural da mulher.

Os contos de fadas, os mitos e as histórias proporcionam uma compreensão que aguça nosso olhar para que possamos escolher o caminho deixado pela natureza selvagem. As instruções encontradas nas histórias nos confirmam que o caminho não terminou, mas que ele ainda conduz as mulheres mais longe, e ainda mais longe, na direção do seu próprio conhecimento. As trilhas que todas estamos seguindo são aquelas do arquétipo da Mulher Selvagem, o Self instintivo inato.

Chamo-a de Mulher Selvagem porque essas exalas palavras, mulher e selvagem, criam *llamar o tocar a la puerta*, a batida dos contos de fadas à porta da psique profunda da mulher. *Llamar o tocar a la puerta* significa literalmente tocar o instrumento do nome para abrir uma porta. Significa usar palavras para obter a abertura de uma passagem. Não importa a cultura pela qual a mulher seja influenciada, ela compreende as palavras *mulher* e *selvagem* intuitivamente.

Quando as mulheres ouvem essas palavras, uma lembrança muito antiga é acionada, voltando a ter vida. Trata-se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido. Podemos ter-nos esquecido do seu nome, podemos não atender quando ela chama o nosso; mas na nossa medula nós a conhecemos e sentimos sua falta. Sabemos que ela nos pertence; bem como nós a ela.

Foi dentro desse relacionamento essencial, fundamental e básico que nascemos e na nossa essência é dele que derivamos. O arquétipo da Mulher Selvagem envolve o ser alfa matrilinear. Há ocasiões em que vivenciamos sua presença, mesmo que transitoriamente, e ficamos loucas de vontade de continuar. Para algumas mulheres, essa revitalizante “prova da natureza” ocorre durante a gravidez, durante a

amamentação, durante o milagre das mudanças que surgem à medida que se educa um filho, durante os cuidados que dispensamos a um relacionamento amoroso, os mesmos que dispensaríamos a um jardim muito querido.

Por meio da visão também temos uma percepção dela; através de cenas de rara beleza. Costumo sentir sua presença quando vejo o que no interior chamamos de pôr-do-sol divino. Senti que ela se mexeu dentro de mim quando vi os pescadores saindo do lago ao escurecer com as lanternas acesas e também quando vi os dedinhos dos pés do meu filho recém-nascido, todos enfileirados como grãos de milho doce na espiga. Nós a vemos sempre que a vemos, o que ocorre por toda a parte.

Ela também chega a nós através dos sons; da música que faz vibrar o esterno e que anima o coração. Ela chega com o tambor, o assobio, o chamado e o grito. Ela vem com a palavra escrita e falada. Às vezes uma palavra, uma frase, um poema ou uma história soa tão bem, soa tão perfeito que faz com que nos lembremos, pelo menos por um instante, da substância da qual somos feitas e do lugar que é o nosso verdadeiro lar.

Essas efêmeras "provas da natureza" vêm durante a mística da inspiração — ah, ela está aqui; ai, ela já se foi. O anseio por ela surge quando nos encontramos por acaso com alguém que manteve esse relacionamento selvagem. Ele brota quando percebemos que dedicamos pouquíssimo tempo à fogueira mística ou ao desejo de sonhar, um tempo ínfimo à nossa própria vida criativa, ao trabalho da nossa vida ou aos nossos verdadeiros amores.

Contudo, são esses vislumbres fugazes, originados tanto da beleza quanto da perda, que nos deixam tão desoladas, tão agitadas, tão ansiosas que acabamos por seguir nossa natureza selvagem. É então que saltamos floresta adentro, em meio ao deserto ou à neve, e corremos muito, com nossos olhos varrendo o solo, nossos ouvidos em fina sintonia, procurando em cima e embaixo, em busca de uma pista, um resquício, um sinal de que ela ainda está viva, de que não perdemos nossa oportunidade. E, quando farejamos seu rastro, é natural que corramos muito para alcançá-la, que nos livremos da mesa de trabalho, dos relacionamentos, que esvaziemos nossa mente, viremos uma nova página, insistamos numa ruptura, desobedeçamos as regras, paremos o mundo, porque não vamos mais prosseguir sem ela.

Uma vez que as mulheres a tenham perdido e a tenham recuperado, elas lutarão com garra para mantê-la, pois com ela suas vidas criativas florescem; seus relacionamentos adquirem significado, profundidade e saúde; seus ciclos de sexualidade, criatividade, trabalho e diversão são restabelecidos; elas deixam de ser alvos para as atividades predatórias dos outros; segundo as leis da natureza, elas têm igual direito a crescer e vicejar. Agora, seu cansaço do final do dia tem como origem o trabalho e esforços satisfatórios, não o fato de viverem enclausuradas num relacionamento, num emprego ou num estado de espírito pequenos demais. Elas sabem instintivamente quando as coisas devem morrer e quando devem viver; elas sabem como ir embora e como ficar.

Quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. Quando as mulheres estão com a Mulher Selvagem, a realidade desse relacionamento transparece nelas. Não importa o que aconteça, essa instrutora, mãe e mentora selvagem dá sustentação às suas vidas interior e exterior.

Portanto, o termo *selvagem* neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida

natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. Essas palavras, *mulher* e *selvagem*, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam. Elas criam uma imagem para descrever a força que sustenta todas as fêmeas. Elas encarnam uma força sem a qual as mulheres não podem viver.

O arquétipo da Mulher Selvagem pode ser expresso em outros termos igualmente apropriados. Pode-se chamar essa poderosa natureza psicológica de natureza instintiva, mas a Mulher Selvagem é a força que está por trás dela. Pode-se chamá-la de psique natural, mas também o arquétipo da Mulher Selvagem se encontra por trás dela. Pode-se chamá-la de natureza básica e inata das mulheres. Pode-se chamá-la de natureza intrínseca, inerente às mulheres. Na poesia, ela poderia ser chamada de "Outra", "sete oceanos do universo", "bosques distantes" ou "A amiga".<sup>1</sup> Na psicanálise, e a partir de perspectivas diversas, ela seria chamada de id, de Self, de natureza medial. Na biologia, ela seria chamada de natureza típica ou fundamental.

No entanto, por ser tácita, presciente e visceral, entre as *cantadoras* ela é conhecida como a natureza sábia ou conhecedora. Ela é às vezes chamada de "mulher que mora no final do tempo" ou de "mulher que mora no fim do mundo". E essa criatura é sempre uma megera-criadora, uma deusa da morte, uma virgem decaída ou qualquer uma de uma série de outras personificações. Ela é amiga e mãe de todas as que se perderam, de todas as que precisam aprender, de todas as que têm um enigma para resolver, de todas as que estão lá fora na floresta ou no deserto, vagando e procurando.

Na realidade, no inconsciente psicóide — a camada da qual a Mulher Selvagem emana — a Mulher Selvagem não tem nome, por ser tão vasta. Contudo, como ela cria todas as facetas importantes da feminilidade, aqui na terra recebe muitos nomes, não só para permitir que se examine a infinidade de aspectos da sua natureza mas também para que as pessoas se agarrem a ela. Como no início da restauração do nosso relacionamento com ela, a mulher selvagem pode se dissolver em fumaça a qualquer instante; ao lhe darmos um nome, estamos criando para ela um espaço de pensamento e sentimento dentro de nós. Assim, ela virá, e se for valorizada, permanecerá.

Portanto, em espanhol ela poderia ser chamada de *Rio Abajo Rio*, o rio por baixo do rio; *La Mujer Grande*, a mulher grande; *Luz dei abyss*, luz do abismo. No México, ela é *La Loba*, a loba, e *La Huesera*, a mulher dos ossos. Em húngaro, ela é chamada de *Ő*, *Erdöben*, Aquela dos Bosques, e *Rozsomák*, o carcaju. No idioma navajo, ela é *Na'ashjé'ii Asdzáá*, a Mulher Aranha, que tece o destino dos humanos e dos animais, das plantas e das rochas. Na Guatemala, entre muitos outros nomes, ela é *Humana dei Niebla*, o Ser de Névoa, a mulher que vive desde sempre. Em japonês, ela é *Amaterasu Omikami*, a Força Espiritual, que gera toda a luz, toda a consciência. No Tibete, ela é chamada de *Dakini* a força da dança que produz a clarividência dentro das mulheres. A lista continua. E ela continua.

A compreensão dessa natureza da Mulher Selvagem não é uma religião, mas uma prática. Trata-se de uma psicologia em seu sentido mais verdadeiro: *psukhe/psych*, alma; *ology* ou *logos*, um conhecimento da alma. Sem ela, as mulheres não têm ouvidos para ouvir o discurso da sua alma ou para registrar a melodia dos seus próprios ritmos interiores. Sem ela, a visão íntima das mulheres é impedida pela sombra de uma mão, e grande parte dos seus dias é passada num tédio paralisante ou então em pensamentos ilusórios. Sem ela, as mulheres perdem a segurança do apoio da sua alma. Sem ela, elas se esquecem do motivo pelo qual estão aqui; agarram-se às coisas quando seria melhor afastarem-se delas. Sem ela, elas

exigem demais, de menos ou nada. Sem ela, elas se calam quando de fato estão ardendo. A Mulher Selvagem é seu instrumento regulador, seu coração, da mesma forma que o coração humano regula o corpo físico.

Quando perdemos contato com a psique instintiva, vivemos num estado de destruição parcial, e as imagens e poderes que são naturais à mulher não têm condições de pleno desenvolvimento. Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego — dela própria ou de outros.

A Mulher Selvagem é a saúde para todas as mulheres. Sem ela, a psicologia feminina não faz sentido. Essa mulher não-domesticada é o protótipo de mulher... não importa a cultura, a época, a política, ela é sempre a mesma. Seus ciclos mudam, suas representações simbólicas mudam, mas na sua essência *ela* não muda. Ela é o que é; e é um ser inteiro.

Ela abre canais através das mulheres. Se elas estiverem reprimidas, ela luta para erguê-las. Se elas forem livres, ela é livre. Felizmente, por mais que seja humilhada, ela sempre volta à posição natural. Por mais que seja proibida, silenciada, podada, enfraquecida, torturada, rotulada de perigosa, louca e de outros depreciativos, ela volta à superfície nas mulheres, de tal forma que mesmo a mulher mais tranqüila, mais contida, guarda um canto secreto para a Mulher Selvagem. Mesmo a mulher mais reprimida tem uma vida secreta, com pensamentos e sentimentos ocultos que são exuberantes e selvagens, ou seja, naturais. Mesmo a mulher presa com a máxima segurança reserva um lugar para o seu self selvagem, pois ela intuitivamente sabe que um dia haverá uma saída, uma abertura, uma oportunidade, e ela poderá escapar.

Creio que todos os homens e mulheres nascem com talentos. No entanto, a verdade é que houve pouca descrição dos hábitos e das vidas psicológicas de mulheres talentosas, criativas, brilhantes. Muito foi escrito, porém, a respeito das fraquezas e defeitos dos seres humanos em geral e das mulheres em particular. No caso do arquétipo da Mulher Selvagem, para vislumbrá-la, captá-la e utilizar o que ela oferece, precisamos nos interessar mais pelos pensamentos, sentimentos e esforços que fortalecem as mulheres e computar corretamente os fatores íntimos e culturais que as debilitam.

Em geral, quando compreendemos a natureza selvagem como um ser autônomo, que anima e dá forma à vida mais profunda de uma mulher, podemos começar a nos desenvolver de um modo jamais considerado possível. Uma psicologia que ignore esse ser espiritual inato, central à psicologia feminina, trai as mulheres, suas filhas, netas e todas as suas descendentes futuras.

Portanto, para que se aplique um bom medicamento às partes feridas da psique selvagem, para que se corrija o relacionamento com a Mulher Selvagem, será necessário classificar corretamente os distúrbios da psique. Embora na minha profissão clínica disponhamos de um bom manual estatístico e diagnóstico e de um considerável volume de diagnósticos diferenciais, bem como de parâmetros psicanalíticos que definem a psicopatologia através da organização (ou da falta da mesma) na psique objetiva e no eixo ego-self,<sup>2</sup> existem ainda outros comportamentos e sentimentos típicos que, a partir do sistema de coordenadas da mulher, descrevem com impacto qual é o problema.

Quais os sintomas associados aos sentimentos de um relacionamento interrompido com a força selvagem da psique? Sentir, pensar ou agir segundo qualquer um dos seguintes exemplos representa ter um relacionamento parcialmente prejudicado ou inteiramente perdido com a psique instintiva profunda. Usando-se

exclusivamente a linguagem das mulheres, trata-se de sensações de extraordinária aridez, fadiga, fragilidade, depressão, confusão, de estar amordaçada, calada à força, desestimulada. Sentir-se assustada, deficiente ou fraca, sem inspiração, sem ânimo, sem expressão, sem significado, envergonhada, com uma fúria crônica, instável, amarrada, sem criatividade, reprimida, transtornada.

Sentir-se impotente, insegura, hesitante, bloqueada, incapaz de realizações, entregando a própria criatividade para os outros, escolhendo parceiros, empregos ou amizades que lhe esgotam a energia, sofrendo por viver em desacordo com os próprios ciclos, superprotetora de si mesma, inerte, inconstante, vacilante, incapaz de regular a própria marcha ou de fixar limites.

Não conseguir insistir no seu próprio andamento, preocupar-se em demasia com a opinião alheia, afastar-se do seu Deus ou dos seus deuses, isolar-se da sua própria revitalização, deixar-se envolver exageradamente na domesticidade, no intelectualismo, no trabalho ou na inércia, porque é esse o lugar mais seguro para quem perdeu os próprios instintos.

Recear aventurar-se ou revelar-se, temer procurar um mentor, mãe, pai, temer exibir a própria obra antes que esteja perfeita, temer iniciar uma viagem, recear gostar de alguém ou dos outros, ter medo de não conseguir parar, de se esgotar, de se exaurir, curvar-se diante da autoridade, perder a energia diante de projetos criativos, encolher-se, humilhar-se, ter angústia, entorpecimento, ansiedade. Ter medo de revidar quando não resta outra coisa a fazer, medo de experimentar o novo, medo de enfrentar, de exprimir sua opinião, de criticar qualquer coisa, de sentir náuseas, aflição, acidez, de sentir-se partida ao meio, estrangulada, conciliadora e gentil com extrema facilidade, de ter sentimentos de vingança.

Ter medo de parar, ter medo de agir, contar até três repetidamente sem conseguir começar, ter complexo de superioridade, ambivalência e, no entanto, não fosse por isso, ser plenamente capaz, em perfeito funcionamento. Essas rupturas são uma doença não de uma era, nem de um século, mas transformam-se em epidemia a qualquer hora e em qualquer lugar onde as mulheres se vejam aprisionadas, sempre que a natureza selvática tiver caído na armadilha.

Uma mulher saudável assemelha-se muito a um lobo; robusta, plena, com grande força vital, que dá a vida, que tem consciência do seu território, engenhosa, leal, que gosta de perambular. Entretanto, a separação da natureza selvagem faz com que a personalidade da mulher se torne mesquinha, parca, fantasmagórica, espectral. Não fomos feitas para ser franzinas, de cabelos frágeis, incapazes de saltar, de perseguir, de parir, de criar uma vida. Quando as vidas das mulheres estão em estase, tédio, já está na hora de a mulher selvática aflorar. Chegou a hora de a função criadora da psique fertilizar a aridez.

De que maneira a Mulher Selvagem afeta as mulheres? Tendo a Mulher Selvagem como aliada, como líder, modelo, mestra, passamos a ver, não com dois olhos, mas com a intuição, que dispõe de muitos olhos. Quando afirmamos a intuição, somos, portanto, como a noite estrelada: fitamos o mundo com milhares de olhos.

A Mulher Selvagem carrega consigo os elementos para a cura; traz tudo o que a mulher precisa ser e saber. Ela dispõe do remédio para todos os males. Ela carrega histórias e sonhos, palavras e canções, signos e símbolos. Ela é tanto o veículo quanto o destino.

Aproximar-se da natureza instintiva não significa desestruturar-se, mudar tudo da esquerda para a direita, do preto para o branco, passar o oeste para o leste, agir como louca ou descontrolada. Não significa perder as socializações básicas ou



tornar-se menos humana. Significa exatamente o oposto. A natureza selvagem possui uma vasta integridade.

Ela implica delimitar territórios, encontrar nossa matilha, ocupar nosso corpo com segurança e orgulho independentemente dos dons e das limitações desse corpo, falar e agir em defesa própria, estar consciente, alerta, recorrer aos poderes da intuição e do pressentimento inatos às mulheres, adequar-se aos próprios ciclos, descobrir aquilo a que pertencemos, despertar com dignidade e manter o máximo de consciência possível.

O arquétipo da Mulher Selvagem, bem como tudo o que está por trás dele, é o benfeitor de todas as pintoras, escritoras, escultoras, dançarinas, pensadoras, rezadeiras, de todas as que procuram e as que encontram, pois elas todas se dedicam a inventar, e essa é a principal ocupação da Mulher Selvagem. Como toda arte, ela é visceral, não cerebral. Ela sabe rastrear e correr, convocar e repelir. Ela sabe sentir, disfarçar e amar profundamente. Ela é intuitiva, típica e normativa. Ela é totalmente essencial à saúde mental e espiritual da mulher.

E então, o que é a Mulher Selvagem? Do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, ela é a alma feminina. No entanto, ela é mais do que isso. Ela é a origem do feminino. Ela é tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto — ela é a base. Cada uma de nós recebe uma célula refulgente que contém todos os instintos e conhecimentos necessários para a nossa vida.

Ela é a força da vida-morte-vida; é a incubadora. É a intuição, a vidência, é a que escuta com atenção e tem o coração leal. Ela estimula os humanos a continuarem a ser multilíngües: fluentes no linguajar dos sonhos, da paixão, da poesia. Ela sussurra em sonhos noturnos; ela deixa em seu rastro no terreno da alma da mulher um pêlo grosseiro e pegadas lamacentas. Esses sinais enchem as mulheres de vontade de encontrá-la, libertá-la e amá-la.

Ela é idéias, sentimentos, impulsos e recordações. Ela ficou perdida e esquecida por muito, muito tempo. Ela é a fonte, a luz, a noite, a treva e o amanhecer. Ela é o cheiro da lama boa e a perna traseira da raposa. Os pássaros que nos contam segredos pertencem a ela. Ela é a voz que diz, "Por aqui, por aqui".

Ela é quem se enfurece diante da injustiça. Ela é a que gira como uma roda enorme. É a criadora dos ciclos. É à procura dela que saímos de casa. É à procura dela que voltamos para casa. Ela é a raiz estrumada de todas as mulheres. Ela é tudo que nos mantém vivas quando achamos que chegamos ao fim. Ela é a geradora de acordos e idéias pequenas e incipientes. Ela é a mente que nos concebe; nós somos os seus Pensamentos.

Onde ela está presente? Onde se pode senti-la? Onde se pode encontrá-la? Ela caminha pelos desertos, bosques, oceanos, cidades, nos subúrbios e nos castelos. Ela vive entre rainhas, entre camponesas, na sala de reuniões, na fábrica, no presídio, na montanha da solidão. Ela vive no gueto, na universidade e nas ruas. Ela deixa pegadas para que possamos medir nosso tamanho. Ela deixa pegadas onde quer que haja uma única mulher que seja solo fértil.

Onde vive a Mulher Selvagem? No fundo do poço, nas nascentes, no éter do início dos tempos. Ela está na lágrima e no oceano. Está no câmbio das árvores, que zune à medida que cresce. Ela vem do futuro e do início dos tempos. Vive no passado e é evocada por nós. Vive no presente e tem um lugar à nossa mesa, fica atrás de nós numa fila e segue à nossa frente quando dirigimos na estrada. Ela vive no futuro e volta no tempo para nos encontrar agora.

Ela vive no verde que surge através da neve; nos caules farfalhantes do milho seco do outono; ali onde os mortos vêm ser beijados e para onde os vivos dirigem

suas preces. Ela vive no lugar onde é criada a linguagem. Ela vive da poesia, da percussão e do canto. Vive de semínimas e apojaturas, numa cantata, numa sextina e nos *blues*. Ela é o momento imediatamente anterior àquele em que somos tomadas pela inspiração. Ela vive num local distante que abre caminho até o nosso mundo. As pessoas podem pedir evidências, uma comprovação da existência da Mulher Selvagem. No fundo, estão pedindo provas da existência da psique. Já que somos a psique, somos também a prova. Cada uma e todas nós comprovamos não só a existência da Mulher Selvagem, mas também a sua condição em termos coletivos. Somos a prova do inefável *numen* feminino. Nossa existência é paralela à dela.

Nossas experiências internas e externas com ela são essas provas. Nossos milhares e milhões de encontros intrapsíquicos com ela, em nossos sonhos noturnos e pensamentos diurnos, em nossos anseios e aspirações, são a confirmação de que ela existe. O fato de nos sentirmos desoladas na sua ausência, de ansiarmos por sua presença quando dela estamos separadas — essas são manifestações de ela ter passado por aqui.

Fiz meu doutorado em psicologia etnoclínica, que é o estudo da psicologia clínica aliada à etnologia, dando esta última ênfase ao estudo da psicologia de grupos e, em especial, de tribos. Meu pós-doutorado foi em psicologia analítica, o que me qualifica para trabalhar como analista junguiana. Minha experiência pessoal como *cantadora/mesemondó*, poeta e artista molda da mesma forma meu trabalho com os analisandos.

Às vezes pedem-me que diga o que faço no consultório para ajudar as mulheres a voltar para suas naturezas selvagens. Dou uma ênfase substancial à psicologia clínica e de desenvolvimento e uso o ingrediente mais fácil e mais acessível para a cura: as histórias.

Acompanhamos o material fornecido pelos sonhos da paciente, material que contém muitas tramas e enredos. As sensações físicas e as recordações do corpo da analisanda são também histórias que podem ser interpretadas e trazidas para o nível consciente.

Além disso, ensino uma forma de poderoso transe interativo que se aproxima da imaginação ativa de Jung — e isso também produz histórias que elucidam ainda mais a viagem psíquica da paciente. Entramos em contato com a natureza selvagem através de perguntas específicas e através do exame de contos de fadas, histórias do folclore, lendas e mitos. Na maioria das vezes, conseguimos, com o tempo, descobrir o mito ou conto de fadas condutor, que contém todas as instruções de que uma mulher necessita para seu atual desenvolvimento psíquico. Essas histórias compreendem o drama da alma de uma mulher. É como uma peça de teatro, com instruções sobre o palco, os personagens e os acessórios.

O "ofício de fazer" é uma parte importante do trabalho. Esforço-me para capacitar minhas pacientes, ensinando-lhes ofícios antiquíssimos das mãos... entre eles a confecção de amuletos e talismãs, sendo que eles podem ser qualquer coisa, desde simples varinhas com fitas até peças sofisticadas de escultura. A arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós.

Como seria de se imaginar, o trabalho com cada pessoa é extremamente individualizado, pois é verdade que não existem pessoas iguais. Esses fatores, no entanto, permanecem constantes no meu trabalho com pessoas; e eles são os fundamentos para todo o trabalho dos seres humanos, o meu assim como o seu. O

ofício de perguntar, o ofício de contar histórias, o ofício de ocupar as mãos — todos esses representam a criação de algo, e esse algo é a alma. Sempre que alimentamos a alma, ela garante a expansão.

Portanto, seguem-se histórias que elucidam o relacionamento com a Mulher Selvagem. As histórias e mitos transcritos nesta obra são transcrições literais das minhas conferências e apresentações.<sup>3</sup> Os contos são apresentados em detalhes fiéis e em sua integridade arquetípica. Estão também incluídas algumas das perguntas que peço às mulheres que respondam, após refletirem sobre elas, para propiciar uma convergência consciente com o precioso Self selvagem.

Além disso, descrevo em detalhes algumas das atividades — brincadeiras experimentais e artísticas — que ajudam as mulheres a reter na memória consciente o numen do seu trabalho. Esses dois últimos foram extraídos das minhas oficinas a respeito da mulher instintiva, e todos eles, ou qualquer um, são úteis para a reemergência da nossa natureza selvagem. Como espero que vocês concluam, trata-se de métodos palpáveis para amenizar velhas cicatrizes, dar alívio a antigas feridas e recuperar técnicas esquecidas de um modo prático.

As histórias são bálsamos medicinais. Achei as histórias interessantes desde que ouvi minha primeira. Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo — basta que prestemos atenção. A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar o arquétipo, nesse caso o da Mulher Selvagem.

Nas histórias estão incrustadas instruções que nos orientam a respeito das complexidades da vida. As histórias nos permitem entender a necessidade de reerguer um arquétipo submerso e os meios para realizar essa tarefa. Dentre centenas de histórias que examinei durante décadas, as que estão nas páginas que se seguem são as que exprimem com maior clareza a fatura do arquétipo da Mulher Selvagem.

As vezes, várias camadas culturais superpostas desorganizam os esqueletos das histórias. Por exemplo, no caso dos irmãos Grimm (entre outros colecionadores de contos de fadas dos últimos séculos), existe forte suspeita de que os informantes (os contadores de histórias) daquela época às vezes "purificavam" as histórias em consideração aos irmãos religiosos. Também suspeitamos de que os famosos irmãos tenham continuado a tradição de cobrir antigos símbolos pagãos com outros cristãos, de tal modo que uma velha curandeira num conto passava a ser uma bruxa perversa; um espírito transformava-se num anjo; um véu ou coifa iniciática tornava-se um lenço; ou uma criança chamada Bela (nome costumeiro para a criança nascida durante os festejos do solstício) era rebatizada de *Schmerzenreich*, Dolorosa. Os elementos sexuais eram omitidos. Animais e criaturas prestimosas eram transformados em demônios e espíritos do mal.

Foi assim que se perderam muitos dos contos femininos que continham instruções sobre o sexo, o amor, o dinheiro, o casamento, o parto, a morte e a transformação. Foi assim que foram arrasados e encobertos os mitos e contos de fadas que explicavam mistérios antiqüíssimos das mulheres. Da maioria das coletâneas de contos de fadas e mitos hoje existentes foi expurgado tudo o que fosse escatológico, sexual, perverso, pré-cristão, feminino, iniciático, ou que se relacionasse às deusas; que representasse a cura para vários males psicológicos e que desse orientação para alcançar êxtases espirituais.

No entanto, eles não estão perdidos para sempre. Em cada fragmento de história está a estrutura do todo. Andei bisbilhotando no que chamo em tom brincalhão de paleomitologia e retórica do conto de fadas. Comparo muitas versões

do mesmo conto e compilo a maior quantidade possível de versões novas e antigas. Comparo, então, as formas num trabalho de reconstrução a partir de antigos modelos arquetípicos recolhidos em anos de estudo da psicologia dos arquétipos, que preserva e estuda todos os enredos e temas dos contos de fadas, das lendas e dos mitos com o objetivo de compreender as vidas instintivas dos seres humanos. Recebo ajuda de modelos presentes nos mundos imaginários no inconsciente coletivo de todos os seres humanos, aos quais podemos recorrer através de sonhos e de estados especiais de consciência. Muitas vezes, um último acabamento pode ser obtido por meio da comparação das versões das histórias com dados arqueológicos das próprias culturas femininas ancestrais, como por exemplo imagens, máscaras e cerâmica rituais. Em suma, usando o estilo dos contos de fadas, passo muito tempo remexendo as cinzas com meu nariz.

Venho estudando padrões arquetípicos há mais de vinte anos; e os mitos, contos de fadas e o folclore, há muito mais tempo. Acumulei vastos conhecimentos sobre os esqueletos das histórias. É fácil detectar quando está faltando o esqueleto numa história. No transcorrer dos séculos, várias conquistas de nações por outras nações e conversões religiosas, tanto pacíficas quanto impostas pela força, encobriram ou alteraram a essência original das antigas histórias.

Existem, porém, boas novas. Apesar de todo o dismantelamento estrutural das versões existentes dos contos, um padrão definido e luminoso ainda transparece. A partir dele, podemos realizar uma reconstrução. A partir da forma dos fragmentos e pedaços, podemos determinar com acerto o que foi perdido na história, e esses pedaços que faltam podem ser reformulados com precisão — revelando muitas vezes espantosas estruturas subjacentes que começam a sanar a tristeza das mulheres originada pela destruição de tantos dos antigos mistérios. Não é bem assim. Eles não foram destruídos. Tudo o que poderíamos precisar, tudo o que poderíamos um dia chegar a precisar, ainda está saindo aos sussurros dos esqueletos das histórias.

Coletar histórias é uma atividade paleontológica contínua. Quanto maior o número de ossos do esqueleto de histórias que tivermos, maior a probabilidade de descoberta da história inteira. Quanto mais inteiras forem as histórias, maior será o número de mudanças e desenvolvimentos da psique a nós apresentados, e melhor será nossa oportunidade de captar e evocar o trabalho da alma. Quando trabalhamos a alma, ela, a Mulher Selvagem, vai se expandindo.

Quando criança, tive a sorte de viver cercada de pessoas de muitos dos velhos países da Europa e do México. Muitos dos membros da minha família, vizinhos e amigos eram norte-americanos de primeira geração ou haviam chegado recentemente da Hungria, Alemanha, Romênia, Bulgária, Iugoslávia, Polônia, Tcheco-Eslováquia, Servo-Croácia, Rússia, Lituânia e Boêmia assim como de Jalisco, Michoacan, Juarez e de muitas das *aldeas fronterizas* entre o México, o Texas e o Arizona. Eles chegavam para trabalhar nos campos, na colheita, nas usinas siderúrgicas e nas escavações de ruínas, nas cervejarias e em serviços domésticos. A maioria não tinha instrução em termos acadêmicos, mas era de extrema sabedoria, sendo portadora de uma tradição valiosa e quase exclusivamente oral.

Muitas das pessoas da família e da vizinhança ao meu redor haviam sobrevivido a campos de trabalhos forçados, a campos de refugiados, a campos de deportação e de concentração, onde os contadores de histórias entre eles haviam vivido uma versão pesadelo das histórias de Scheherazade. As terras das famílias de muitos deles haviam sido confiscadas; muitos haviam vivido em prisões para imigrantes; muitos haviam sido repatriados contra sua vontade. Com esses rústicos contadores de histórias, aprendi pela primeira vez os contos a que as pessoas recorrem quando a vida pode se tomar morte e a morte pode se tornar vida a

qualquer instante. Com eles também aprendi que os contos de fadas dos livros haviam de algum modo sido modelados para que grande parte do seu vigor se perdesse.

Mais tarde, na década de 1960, quando migrei para o oeste na direção das Montanhas Rochosas, vivi entre desconhecidos carinhosos, judeus, irlandeses, gregos, italianos, afro-americanos e alsacianos, que se tornaram amigos e espíritos irmãos. Tive a bênção de conhecer algumas das raras e antigas comunidades de latinos no sudoeste dos EUA, como por exemplo Trampas e Truchas, Novo México. Tive a felicidade de passar algum tempo com americanos nativos, desde o povo *inuit* no norte, passando pelos *pueblos* e pelos povos das Grandes Planícies no oeste, até os náuatle, lacandon, tehuantepecan, huichol, seri, mayan-kiché, mayan-kaqchiquel, moskito, cuna, nasca/quechua e jivaro na América Central e do Sul.

Troquei histórias em mesas de cozinha e debaixo de parreiras, em galinheiros e currais de ordenha e enquanto preparava *tortillas*, seguia o rastro de animais selvagens e bordava o milionésimo ponto de cruz. Tive a sorte de compartilhar do último prato de *chili*, de cantar *gospel* junto com as mulheres para ressuscitar os mortos, de dormir com as estrelas em casas sem telhado. Sentei-me perto do fogo para me aquecer, para jantar ou para as duas possibilidades, em Little Italy, Polish Town, Hill Country, Los Barrios e em outras comunidades étnicas por todo o meio-oeste e o extremo oeste urbano, e ultimamente troquei histórias sobre *sparats*, maus espíritos, com contadores de histórias nas Bahamas.

Minha maior sorte foi a de que, onde quer que eu fosse, as crianças, as senhoras, os homens em pleno vigor, os velhos e velhas — artistas da alma — saíam dos bosques, das florestas, dos prados e das dunas para me regalar com seus sons rouquinhos. E eu, também, a eles.

Há muitos modos de abordar as histórias. O estudioso profissional do folclore, o analista freudiano, junguiano ou de outra corrente, o etnólogo, o antropólogo, o teólogo, o arqueólogo, cada um tem um método diferente, tanto na compilação das histórias quanto na aplicação a elas atribuída. Sob o aspecto intelectual, o método de desenvolvimento do meu trabalho com as histórias seguiu minha formação em psicologia analítica e arquetípica. Durante mais de cinco anos, durante minha formação psicanalítica, estudei a amplificação dos *leitmotive*, a simbologia dos arquétipos, a mitologia universal, a iconologia antiga e popular, a etnologia, as religiões do planeta e a interpretação dos contos de fadas.

Em termos viscerais, porém, abordo as histórias como *cantadora*, contadora de histórias, guardiã das velhas histórias. Venho de uma longa linhagem de contadoras: *mesemondók*, velhas húngaras que contam suas histórias sentadas em cadeiras de madeira, com suas carteiras de plástico no colo, as pernas abertas, as saias tocando no chão... e *cuentistas*, velhas latinas que ficam paradas em pé, com seus seios fartos, ancas largas, gritando histórias no estilo *ranchera*. Os dois clãs contam histórias na voz natural das mulheres que vivenciaram famílias e filhos, pão e ossos. Para elas, uma história é um medicamento que fortifica e recupera o indivíduo e a comunidade.

As modernas contadoras de histórias descendem de uma comunidade imensa e antiqüíssima composta de santos, trovadores, bardos, *griots*, *cantadoras*, chantres, menestréis, vagabundos, megeras e loucos. Uma vez sonhei que estava contando histórias e sentia alguém dando tapinhas no meu pé para me incentivar. Olhei para baixo e vi que estava em pé nos ombros de uma velha que segurava meus tornozelos e sorria para mim. "Não, não" disse-lhe eu. "Venha subir nos meus ombros, já que a senhora é velha e eu sou nova." "Nada disso" insistiu ela. "É assim que deve ser."

Percebi que ela também estava em pé nos ombros de uma mulher ainda mais velha do que ela, que estava nos ombros de uma mulher usando manto, que estava nos ombros de outra criatura, que estava nos ombros...

Acreditei no que disse a velha do sonho a respeito de como as coisas devem ser. A energia para contar histórias vem daquelas que já se foram. Contar ou ouvir histórias deriva sua energia de uma altíssima coluna de seres humanos interligados através do tempo e do espaço, sofisticadamente trajados com farrapos, mantos ou com a nudez da sua época, e repletos a ponto de transbordarem de vida ainda sendo vivida. Se existe uma única fonte das histórias e um espírito das histórias, ela está nessa longa corrente de seres humanos.

As histórias são muito mais antigas do que a arte e a psicologia, e serão sempre as mais velhas nessa comparação, não importa quanto tempo passe. Um dos estilos mais antigos de relato que muito me intriga é o estado de transe apaixonado, no qual a contadora "pressente" a platéia — seja ela composta de um indivíduo ou de muitos — e entra num universo entre os universos, no qual uma história é "atraída" para a contadora em transe e transmitida através dela. É a contadora de histórias propiciando o fazer-se da alma.

A contadora em transe convoca *El Duende*,<sup>4</sup> o vento que sopra o espírito sobre o rosto dos ouvintes. Uma contadora em transe aprende a ser maleável em termos psíquicos através da prática meditativa da história, ou seja, o exercício individual no sentido de abrir certos portões psíquicos e frestas do ego a fim de permitir que a voz se pronuncie, a voz que é mais antiga do que as pedras. Quando isso acontece, a história pode seguir qualquer trilha, pode virar de cabeça para baixo, pode virar uma sopa e ser servida para que algum pobre se banqueteie, pode ser carregada de ouro à vontade ou pode perseguir o ouvinte levando-o ao outro mundo. A contadora nunca sabe como tudo vai acabar, e nisso reside pelo menos a metade da magia orvalhada da história.

Este é um livro de relatos sobre os costumes do arquétipo da Mulher Selvagem. Tentar esquematizá-la, delimitar sua vida psíquica dentro de escaninhos, seria contrário ao seu espírito. Conhecê-la é um processo permanente, um processo que dura a vida inteira, e é por isso que esta obra é um trabalho permanente, perpétuo.

Assim, seguem-se algumas histórias a serem usadas como vitaminas para a alma, algumas observações, alguns fragmentos de mapas, pedacinhos de resina de pinheiro para grudar penas em árvores como sinalização do caminho e algum mato rasteiro amassado, guiando o trajeto de volta a *el mundo subterráneo*, nosso lar psíquico.

As histórias conferem movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada. As histórias lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em paredes anteriormente fechadas, aberturas que nos levam à terra dos sonhos, que conduzem ao amor e ao aprendizado, que nos devolvem à nossa verdadeira vida de mulheres selvagens e sagazes.

Histórias como "Barba-azul" nos dão idéia exata do que fazer a respeito do ferimento que não pára de sangrar. Histórias como "A Mulher-esqueleto" revelam o poder místico do relacionamento e como o sentimento entorpecido pode voltar à vida e a ser um amor profundo. Os dons da Velha Mãe Morte podem ser encontrados na personagem de Baba Yaga, velha megera selvagem. A bonequinha que mostra o caminho quando tudo parece perdido faz voltar à tona uma das artes femininas instintivas perdidas em "Vasalisa, a sabida".<sup>5</sup> Histórias como "*La Loba*", a mulher dos

ossos no deserto, falam da função transformadora da psique. "A donzela sem mãos" recupera os estágios perdidos dos antigos ritos de iniciação das mulheres selvagens de tempos antigos, fornecendo, assim, orientações duradouras e atemporais para todos os anos de vida da mulher.

É nosso encontro com a Mulher Selvagem que nos leva a não limitar nossa conversa aos seres humanos, nossos momentos mais esplêndidos aos salões de dança, nossos ouvidos apenas à música produzida por instrumentos feitos pelo homem, nossos olhos à beleza "ensinada", nossos corpos às sensações aprovadas, nossas mentes àquilo a respeito de que todos já estão de acordo. Estas histórias apresentam o insight penetrante, a chama da vida apaixonada, o fôlego para dizer o que sabemos, a coragem de suportar o que vemos sem afastar os olhos, o perfume da alma selvagem.

Este é um livro de histórias de mulheres, apresentadas como marcos ao longo do caminho. Elas são para você ler, refletir e prosseguir na direção da sua própria liberdade natural e conquistada, do seu carinho para consigo mesma, para com os animais, a terra, as crianças, as irmãs, os amantes e os homens. Já vou lhe avisar: as portas para o mundo da Mulher Selvagem são poucas, porém valiosas. Se você tem uma cicatriz profunda, ela é uma porta; se você tem uma história muito antiga, ela é uma porta. Se você gosta do céu e da água tanto que mal consegue agüentar, isso é uma porta. Se você anseia por uma vida mais profunda, mais plena, por uma vida sã, isso é uma porta.

O material contido neste livro foi selecionado para lhe dar coragem. O trabalho é oferecido como um fortificante para aquelas que estão no meio do caminho, incluindo-se as que lutam em difíceis paisagens interiores bem como as que lutam no mundo e por ele. Precisamos nos esforçar para permitir que nossa alma cresça naturalmente até atingir sua profundidade natural. A natureza selvagem não exige que a mulher tenha uma cor determinada, uma instrução determinada, um estilo de vida ou classe econômica determinados. Na realidade, ela não consegue vicejar na atmosfera imposta do "politicamente correio", ou quando é forçada a se amoldar a velhos paradigmas obsoletos. Ela viceja em visões novas e integridade individual. Ela viceja com sua própria natureza.

Portanto, se você for introvertida ou extrovertida, uma mulher que ama mulheres, uma mulher que ama homens, uma mulher que ama a Deus ou todas as opções anteriores; se você possui um coração singelo ou as ambições de uma amazona; se você está querendo chegar ao topo, ou apenas levar a vida um dia após o outro; se você é animada ou triste, majestosa ou vulgar — a Mulher Selvagem lhe pertence. Ela pertence a todas as mulheres.

Para encontrar a Mulher Selvagem, é necessário que as Mulheres se voltem para suas vidas instintivas, sua sabedoria mais profunda.<sup>6</sup> Portanto, vamos nos apressar agora e trazer nossas lembranças de volta ao espírito da Mulher Selvagem. Vamos cantar sua carne de volta aos nossos ossos. Despir quaisquer mantos falsos que tenhamos recebido. Assumir o manto verdadeiro do poder do conhecimento e do instinto. Invadir os terrenos psíquicos que nos pertenceram um dia. Desfraldar as faixas, preparar a cura. Voltemos agora, mulheres selvagens, a uivar, rir e cantar para Aquela que nos ama tanto.

Para nós a questão é simples. Sem nós, a Mulher Selvagem morre. Sem a Mulher Selvagem, nós morremos. Para a verdadeira vida, ambas têm de existir.